NARRATIVA, MEMÓRIA E HISTÓRIA: A LITERÁRIA COMO FORMA DE PROPAGAÇÃO E CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES EM TORNO DE ANTERO

NARRATIVE, MEMORY AND HISTORY: HOW LITERARY FORM OF CONSTRUCTION OF REPRESENTATIONS AND SPREAD AROUND ANTERO

Jaciely Soares da Silva[1]

Resumo: O presente artigo discute duas obras literárias que tratam de acontecimentos históricos desencadeados na cidade de Catalão-GO do final do século XIX e XX e, que possui como personagem central a figura de Antero, antigo morador da cidade, morto drasticamente pelas mãos do poder local. Tomamos tais obras como possibilidade de questionar a história a partir da presença do passado dentro dessas produções, numa tentativa de rememoração desse passado silenciado. Assim sendo, objetivamos problematizar como o episódio da morte de Antero e a história de Catalão tem sido tomada como tema de diferentes narrativas e interpretações do passado, construindo, a partir do presente uma rememoração da história e da memória da cidade de Catalão, marcada pelo discurso de violência, mas também atravessada por sua capacidade de produzir um santo local. As análises serão inspiradas a partir do referencial teórico da História Cultural, estabelecendo uma estreita relação entre História e Literatura.
Palavras - chave: Antero; Memória; Literatura

Abstract: This article discusses two literary works dealing with historical events triggered in the Catalão-GO town of the late nineteenth and twentieth century and which has as its central character figure Antero , former resident of the city dramatically killed by the hands of local government . We take such works as the possibility of questioning the story from the presence of the past within these productions in an attempt to recall that silenced past. Therefore , we aimed to discuss the episode as the death of Antero and history of Catalão has been taken as the theme of different narratives and interpretations of the past , building , from this one recollection of history and memory of the Catalão city , marked by speech of violence , but also traversed by its ability to produce a local saint. The analysis will be inspired from the theoretical framework of Cultural History, by establishing a close relationship between history and literature.
Key-words: Antero; memory; literature

[1] Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Em várias regiões brasileiras é possível encontrar sujeitos que com o passar dos anos se tornaram exemplos de vida de determinada região. Esses sujeitos são tomados pela população local ou regional como modelos de vida e conduta, criando, assim, todo um imaginário ao seu redor. Trata-se da criação do imaginário social, no qual, esses homens e mulheres, a partir de sua história de vida ou de morte, são tomados como representações e, dessas representações nascem práticas culturais que os celebram ou cultuam.

Como exemplo, podemos citar no nordeste do país, a figura emblemática de Virgulino Ferreira da Silva, o conhecido Lampião, que caiu na graça do povo, sendo hoje sua imagem edificada a partir do misto de bandido e herói. Ambas as imagens fazem parte da história e memória construída em torno do personagem histórico, criadas a partir das representações tecidas sobre o mesmo e que compõem o repertório de sua vida e suas ações.

As representações forjadas em torno do sujeito fazem parte de um processo de construção histórica e manutenção da memória, e essa é ensejada pela população que por algum motivo se sensibiliza por tais sujeitos e suas histórias, os adotando como representantes da região. Não apenas a imagem de Lampião é propagada como ícone de determinada região, ainda temos, como exemplo, os casos de Padre Cícero (BRAGA, 2008) e de Frei Damião (SOUSA NETO, 2011) no nordeste, João Relojoeiro (CORREIA, 2004) e o Menino da Tábua (DAVID, 1991) no sudeste do país e, no caso de Goiás, a santa Dica (VASCONCELLOS, 1991). Esses sujeitos são eleitos pela população como figuras emblemáticas e muitas vezes místicas, criando a partir de suas histórias, modelos de vida e de comportamento.

No Estado de Goiás, especificamente na cidade de Catalão, temos na atualidade a figura de Antero da Costa Carvalho, que, a partir de sua história de vida e de morte é tomado pela população local como um misto de mártir e de santo. Mártir, porque segundo a própria historiografia, a cidade de Catalão passou por um período sangrento, controlada pelas mãos daqueles que detinham o poder e, Antero se torna vítima desse período, morto drasticamente pelas mãos dos governantes. Santo, porque a partir do episódio central de sua morte, sua história passou por um processo de ressignificação, sendo, hoje, adotado como santo popular no imaginário religioso catalano (SILVA, 2014).

Antero, antigo morador da cidade de Catalão, porém recém chegado a ela, foi acusado de ser o mandante do assassinato de um conhecido fazendeiro local, Albino Felipe do Nascimento. Preso e torturado confessou o crime à polícia, porém aos seus próximos alegava sua inocência. A prisão em que Antero se encontrava foi invadida por jagunços e alguns populares, de onde foi arrancado e martirizado pelas ruas da cidade até sua morte (RAMOS, 1978).

Para Chaul (1994), inocente ou não, Antero foi barbaramente assassinado, tendo sido vítima de um dos mais cruéis linchamentos e sangrentos crimes da história da cidade. Para Ramos, a morte ocorreu com requinte de crueldade, sem que Antero emitisse algum tipo de resistência, "Amarraram-lhe uma corda ao pescoço, ataram suas mãos e o levaram pelas ruas aos empurrões e pontapés. Durante a caminhada, ele levou inúmeras espetadas de faca pelo corpo. A intenção era fazê-lo sofrer bastante, num sadismo abominável" (1997, p. 107).

Tal como pontuado acima, a própria historiografia que aborda a história de Catalão atribui à cidade um passado violento, dando como marca identitária do povo a fama de "uma terra sem lei". Segundo o historiador Chaul (1994), mortes como a de Antero era comum à época quando muitos assuntos que envolviam desavenças pessoais, políticas ou comerciais eram resolvidos não pelo poder local, mas pelos próprios envolvidos, terminando, não raro em morte.

A morte de Antero poderia ter sido vista como mais uma dentre outras que a historiografia aborda se, a mesma não tivesse tomado proporção diferenciada. Se até certo tempo a fama de cidade violenta era algo que os catalanos se orgulhavam e, até mesmo se identificavam, a morte de Antero provocou reação contrária, tanto nos seus executores quanto na própria população. O orgulho que os catalanos possuíam com sua violência transvertida de bravura, com a morte de Antero, passou a ser visto como motivo de vergonha. E, esse sentimento por anos foi acompanhado de um profundo silenciamento e medo em se falar sobre o assunto. A partir do silêncio, tentou-se por um longo tempo esquecer a mancha de sangue.

No entanto, tal silêncio também traz a tona uma história, onde, "a memória esquecida, por conseqüência, não é sempre um campo de ruínas, pois ela pode ser um canteiro de obras. [...]. Ela pode ser o êxito de uma censura indispensável à estabilidade e à coerência

da representação que um indivíduo ou os membros de um grupo fazem de si próprios" (CANDAU, 127). A negação em se falar sobre a morte de Antero pode ser aqui entendida tanto pelo medo diante do poder das famílias da cidade. Deixando para o passado, aquilo que só a ele pertence.

Apesar disso, a morte de Antero tomou novos rumos. Sua memória não foi apagada e por mais que ainda hoje haja uma negação em falar sobre sua morte, os rumos que sua história tomou faz com que o personagem histórico "ganhe vida" na atualidade. Seu nome é sempre lembrado, agora associado a poderes sobrenaturais.

O memorialista Cornélio Ramos se constituiu um dos primeiros a retomar o caso e romper com o silêncio a partir de uma apropriação da memória coletiva acerca do assunto, recorrendo à narrativa oral e a memória da população para assim escrever sobre o passado de Catalão e o caso de Antero. O autor além de reafirmar um Catalão imerso num passado violento, referencia Antero como personagem quase que "divisor de águas" desse período, uma vez que aponta que Catalão começou a viver uma era de pacificação após sua morte. Ramos, através de sua obra "Catalão: poesias, lendas e história" a qual teve sua primeira edição no ano de 1978, propaga uma imagem de Antero atravessada por um discurso religioso, uma vez que o chama tanto de mártir quanto de santo de Catalão.

Apropriações essas também feitas pela a própria historiografia que aborda em suas análises Catalão, como, por exemplo, o historiador Palacín Gomes (1986) e o historiador Nars Chaul (1994), ambos tomando como uma de suas fontes de pesquisa o memorialista Cornélio Ramos (1978). Esses autores em suas obras apontam para um passado violento de Catalão, sendo Antero a vítima de maior impacto. Para Chaul, é impossível tratar a história de Catalão sem nos ater ao assassinato de Antero, seja pela dimensão de barbarismo e violência, seja pela aura de misticismo que envolveu esse misto de poeta, farmacêutico e santo.

Os autores acima referenciados mediante os seus estudos, abordam as representações e interpretações sobre o passado de Catalao, referenciando Antero como figura exemplar, lembrado como personagem significativo na construção da escrita histórica da cidade.

Vemos essas obras como espaço da elaboração e propagação da memória de Antero como personagem histórico, mas também como personagem do imaginá-

rio local, santificado e cultuado pelo povo. Tais obras são também sustentáculos das releituras que a história de Antero e da cidade de Catalão terão nesse início de século XXI.

A partir da historiografia sobre o assunto, podemos aqui dizer que ao longo dos anos a história de Catalão foi atravessada pelo discurso de passado violento, e esse foi mantido pela memória local. A memória sobre o caso não se restringe apenas aos antigos moradores da cidade, temos ainda a memória dos devotos que constantemente visitam seu túmulo e capela, para ali deixarem suas expressões de fé. Esses lugares podem ser entendidos como lugares de manifestação e manutenção da fé em torno de Antero, bem como um lugar de rememoração da história e santidade do mesmo (SILVA, 2014). Assim, temos uma memória mantida não apenas pela historiografia ou pelos memorialistas, mas também por devotos que criam suas representações e práticas devocionais se configurando como uma forma de narrar o passado a partir do presente.

Contudo, no ano de 2012, ano em que se completaram 76 anos do martírio, foram produzidas duas obras literárias que tem como enfoque maior o passado catalano e a história de Antero: são os livros de Ivan Sant'Anna "Herança de Sangue: um faroeste brasileiro" e o livro de Luiz Righetto "O Mártir do Catalão".

O livro "Herança de Sangue" (2012) se detém numa escrita histórica a partir da dimensão política, trabalhando vários episódios que compõe a história de Catalão. O autor divide o livro em quatro grandes momentos da história da cidade, o qual os chama de "tiros". Os tiros são marcados pela morte e vingança daqueles que andavam na contra mão dos que disputavam o poder na cidade. Sua escrita se inicia com a narrativa da morte de Antero, a invasão à cadeia e o martírio que sofreu. A narrativa da morte e os atos que a antecederam se assemelham à obra de Ramos (1978), pois a toma também como fonte, recorrendo ainda a outros escritos históricos e memorialistas para produzir o seu faroeste brasileiro. Sua escrita dá ênfase à história sangrenta da cidade, finalizando o livro com o último "tiro" que referencia como sendo a morte de Antero. Como desfecho o autor aponta que o maior milagre de Antero talvez tenha sido o milagre em transformar a cidade violenta em pacífica, reafirmando, assim, um discurso e um imaginário de Catalão como cidade violenta.

Já a obra de Luiz Righetto "O Mártir do Catalão" (2012) recorre a uma narrativa eminentemente espiritual, explicando no início de seu livro que tem a intenção de trazer a "verdade" sobre o caso de Antero, e que tal obra foi produzida mediante o auxílio dos guias espirituais do autor e do próprio espírito de Antero. Ao contrário de Sant'Anna, o autor em momento algum faz referência a qualquer consulta e material empírico nos apontamentos acerca da história de Catalão e de Antero, contudo, traz informações minuciosas dos acontecimentos. Deixa eminente que teve como objetivo inculpar Antero de qualquer crime cometido, ou mesmo algum envolvimento em assuntos mal resolvidos. Dando como justificativa de sua morte a injustiça e trapaças do poder local. Contudo, em momento algum aponta quem foram os culpados na morte de Albino.

Assim, podemos aqui dizer, a partir do exposto, que há na atualidade, em especial nos últimos dois anos, um nítido interesse em trazer para o presente uma discussão sobre o passado. E, bem mais que narrar os fatos ou criar uma obra fictícia sobre o assunto, parece-nos que há um interesse em abordar o caso de Antero e o passado de Catalão reatualizando o discurso de cidade violenta. Ou seja, a atualidade traz à tona um assunto que até certo tempo trazia inquietude à população.

Por mais que o discurso de cidade violenta e o caso de Antero seja datado do ano de 1936, ambas as imagens passam, na atualidade, por um processo de rememoração, ou seja, o fato histórico permaneceu na sombra do silêncio, porém não sucumbiu ao esquecimento, haja vista, as representações e práticas, bem como as produções históricas e literárias que tiveram ao longo do tempo a história de Antero como seu tema. Notamos que os autores ao tomarem a história de vida e de morte de Antero como inspiração para suas narrativas, caminham entre a pesquisa histórica e o imaginário social. Tais obras podem ser referenciadas como uma escrita do presente que toma o passado como o seu motivo.

Ou seja, trazem para o presente uma releitura e reatualização tanto da história de Catalão quanto da história de Antero, as quais podem ser vistas também como espaço da elaboração, propagação e manutenção da história e da memória da cidade de Catalão e do caso de Antero, sendo esse último contemplado como personagem histórico, mas também como personagem

do imaginário local, santificado e cultuado pelo povo.

O que temos é uma literatura recente que faz uso de um acontecimento ocorrido no ano de 1936 e as formas de lembrar e representar o mesmo. A partir do momento que entendemos que a história de Antero não pertence apenas ao passado, percebemos que as histórias, as memórias e as narrativas podem ser percebidas como um fenômeno cultural e histórico, e, portanto, passíveis de serem analisadas e problematizadas pela história.

Não negamos a atuação da população e da própria literatura na construção da "imagem" de Antero, e o seu poder de influência no que diz respeito ao "tipo" de personagem que ela quer criar. Pensamos nisso quando vemos as três principais representações que se tem de Antero: a primeira de forasteiro e criminoso, essa propagado pelo poder local. A segunda e após sua morte, de mártir, difundida por populares que discordavam da ação dos jagunços e do próprio poder das famílias envolvidas na morte. E, por último, temos a imagem construída no decorrer dos anos, de santo, essa propagada pela população devota a Antero. Tais representações são encontrados tanto nos livros apontados, quanto na própria memória coletiva da cidade[2].

A escrita literária neste caso insere-se também como um dos mecanismos de propagação e construção das representações em torno de Antero e da história de Catalão, estabelecendo uma estreita relação entre História e Literatura, que, em diversos momentos de seu fazer-se recorre aos recursos tanto do "fato histórico" quanto da imaginação, fazendo coexistir no tempo da narrativa, tal como sugere Paul Ricoeur (2010), vários mundos e vários tempos, entre eles o mundo real e o fictício, o tempo do passado e o tempo da rememora-

[2] Tal afirmação se deve as pesquisas que desenvolvi como trabalho de fim de curso de graduação (Velas, Capela e Bilhetes: um diálogo de memória e religiosidade do Santo Antero de Catalão. 66f. Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, 2011) e a dissertação de mestrado (Religiosidade e Cultura Popular: a santidade de Antero em Catalão-GO, 2013 *em fase de conclusão*, Universidade Federal de Uberlândia-MG) que se ocupou respectivamente de ex-votos e relatos orais de pessoas que por ouvir dizer ou por experiências de familiares tiveram contato com o episódio da morte de Antero. Tal pesquisa foi exposta nos artigos como: Devoção popular em Catalão: santo Antero. MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 11(29), 2011 – JAN / JULHO. Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394. Disponível em: http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme, "Religiosidade Popular, Identidade E Memória" *EMBLEMAS* – Revista do Departamento de História e Ciências Sociais/UFG/CAC (Vol. 9 - N.º 01 – jan./jun. 2012 – no prelo – Catalão – Goiás - Brasil - ISBN: 1808-7914, disponível em www.revistas.ufg.br/index.php/emblemas).

ção e, mesmo, o tempo da concretude e o tempo do sobrenatural, em se tratando da obra de Righetto.

Concebemos as obras de Sant'Anna e de Righetto como bens de cultura que voltam ao passado na tentativa de reconstruir a narrativa de um evento marcante para todo um povo e sua memória. Mesmo possuindo suas peculiaridades, existem características similares nas obras que as aproximam, como, quando retratam a história de Catalão, apresentando um consenso em sua escrita, amparada num discurso de cidade violenta. Em outro momento, uma narrativa conflituosa, ao tratarem de Antero enquanto sujeito histórico.

Antero tanto é abordado como sujeito histórico quanto elaborado como mártir e, assim, representado como santo. Essa sua condição tem implicações, pois entendemos que há, nessas obras, uma luta de representações e de memórias e, por isso mesmo, podem ajudar a pensar Antero como um homem dos anos 1930 que tem sido apropriado, como referência de identidade de um dado lugar, podendo, portanto, ajudar a problematizar a história e a memória desse mesmo lugar.

Assim, tais obras podem ser pensadas como um processo de apropriação de diferentes realidades e interpretações sobre o passado; e a representação como um fenômeno de produção de sentido do passado, pensada a partir da presença do passado dentro do presente; estabelecendo um entrecruzamento entre as formas de como as pessoas criam e dão sentido a si e ao mundo (CHARTIER, 1988).

Por mais que a obra de Sant'Anna como já pontuado, trabalhe apenas dois capítulo que trazem Antero para narrativa, o início e término têm como enfoque a figura desse sujeito. Já no livro de Righetto, Antero é a chave e o centro da narrativa. Todos os acontecimentos históricos e muitos deles narrados cronologicamente, como em forma de um diário. Se num primeiro momento, Sant'Anna em seu livro tem o intuito de trazer para discussão as histórias violentas de Catalão, e Antero funciona como a grande representação disso, Righetto, ao reafirmar a figura de Antero como santo ou espírito de luz, se assenta no papel de Antero como pacificador.

Assim, as obras podem ser concebidas como formas de narrativa do passado, como elaboração da narrativa do homem sobre o passado. Se encontram tanto como um olhar do homem na elaboração do passado, a partir das representações que cria sobre ele, quanto

nos possibilita como historiadores, questionar e problematizar sobre que tipo de representação e prática os homens tem construído do passado. Cabe também ser levado para a discussão a própria aproximação que o literato tem com o tema histórico e os acontecimentos que traz para sua obra, ou seja, com os compromissos que elaborou para si e para sua escrita.

Ivan Sant'Anna e Luiz Righetto trouxeram para a atualidade questões do passado que ainda não foram resolvidas, mas que por um longo tempo passaram pelo processo de silenciamento e ocultamento, porém, não do esquecimento.

> [A] rememoração implica uma certa ascese da atividade historiadora, que, em vez de repetir aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalcado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras (GAGNEBIN, 2001, p. 91).

Ou seja, segundo Gagnebin, é preciso refletir sobre o que está buscando espaço no presente, sobre o que ainda não teve espaço, mas que procura fugir ao ofuscamento. Com isso, a volta ao passado histórico, está amparada dentro de sua própria rememoração no presente. Para Gagnebin,

> A rememoração também significa uma atenção precisa ao *presente,* particularmente a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado não sendo um fim em si, visa à transformação do presente (GAGNEBIN, 2001, p. 91).

Dessa forma, é preciso pensar o passado a partir de rememoração da narrativa literária presente, uma vez que a mesma possibilita ao historiador problematizar o passado e suas memórias e, a partir das práticas e representações elaboradas pelo homem, intervém, na própria produção do conhecimento histórico, e no fazer historiográfico. O que pode significar refletir sobre as implicações do passado no presente e, também, nas projeções de futuros que os grupos sociais elegem como suporte para suas concepções de mundo.

BIBLIOGRAFIA:

BLOCH, March. **Apologia da história:** ou o ofício do historiador. Tradução de André Teles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001. 159 p.

BEJAMIM, Walter. **Obras escolhidas.** Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, v.1.

BORGES, Valdeci Rezende. **Cenas urbanas:** imagens do Rio de Janeiro em Machado de Assis. Uberlândia: Aspectos, 2000.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. **Padre Cícero:** sociologia de um Padre, antropologia de um Santo. Bauru, SP: Edusc, 2008.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade.** Tradução Maria Letícia. – 1ª ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa / Rio de Janeiro: Difel / Bertrand do Brasil, 1988.

_____. **À Beira da falésia**: a história entre certezas e inquietudes. Trad. Patrícia Chutton Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

_____. A nova história cultural existe? In: PESSAVENTO, Sandra. **História e linguagens.** RJ: 7Letras, 2006, pp. 29-44.

CHAUL, Nasr F. **Caminhos de Goiás:** da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1997.

_____. Catalão e a Política na Primeira República. In. **História Política de Catalão.** Goiânia: Ed. UFG, 1994.

CORREIA, Iara Toscano. **Caso João Relojoeiro:** um santo do imaginário popular. Uberlândia: Edufu, 2004, p. 240.

DAVID, Solange R. de Andrade. **Um estudo de religiosidade popular***:* "Santo" Menino da Tábua. Assis, 1991. Dissertação (Mestrado)- FCL - UNESP, 1991.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **Memória, história e representações literárias.** In. Revista do Arquivo Público Mineiro. jul./dez. 2007, p. 158-173. Acesso em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=973&op=1.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi e DE LUCA, Tânia Regina. **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2009, pp. 81 e 82.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história e testemunho. In: BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia. **Memória e (re)sentimento:** indagações sobre uma questão sensível. Campinhas: ed. da Unicamp, 2001.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. 1. ed. 13 reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros:** verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. - São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Olhos de madeira:** nove reflexões sobre a distância. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GOMES, Luís Palacín, FAYAD, Chaul, Juarez Costa Barbosa. **História política de Catalão**. Goiânia: Editora da UFG, 1994.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Tradução de Bernado Leitão. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural.** - 2. ed. 2. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RAMOS, Cornélio. **Catalão:** poesias, lendas e história. 3ª edição. Catalão: Gráfica e Editora Modelo, 1997.

REVEL, Jacques. Cultura, culturas: uma perspectiva historiografia. In**: Proposição: ensaios de história e historiografia.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, pp. 97-137.

RICOUER, Paul. Explicação/Compreensão. E A representação historiadora. In: **A memória, a história, o esquecimentos.** Trad. Alain François [et al]. Campinas: Ed. Unicamp, 2007, p. 193-301.

_____. **Tempo e Narrativa**. Campinas, SP: Papirus, 2010.

SEIXAS, Jacy de. Percursos de memória em terras de história. Problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia. **Memória e (re)sentimento:** indagações sobre uma questão sensível. Campinhas: ed. da Unicamp, 2001.

SILVA, Jaciely Soares da. **Violência e Religiosidade Popular em Catalão-GO:** a construção da santidade de Antero 1932-2012. Dissertação (Mestrado) - UFU, 2014, 196 fl.

SOUSA NETO**,** Frei Francisco Lopes de. **Frei Damião –** O Missionário. Editora: Armazém da Cultura, 2011.

VASCONCELLO, Lauro. **Santa Dica:** encantamento do mundo ou coisa do povo. Goiânia, 1991. Ed. Abreu.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história.** Foucault revoluciona a História. Brasília: Editora d UnB, 1982.

WHITE, Hayden. **Meta-História:** a imaginação histórica no século XIX. São Paulo: EDUSP, 1992.